



**DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ALDENISE FRANCISCO DE SOUZA

***A HORA DA ESTRELA: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM
MACABÉA***

GURABIRA-PB

2015

ALDENISE FRANCISCO DE SOUZA

***A HORA DA ESTRELA: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM
MACABÉA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva.

GUARABIRA-PB

2015

S237h Souza, Aldenise Francisco de
A hora da estrela [manuscrito] : uma análise da personagem
Macabéa / Aldenise Francisco de Souza. - 2015.
20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.

"Orientação: Rosângela Neres Araújo da Silva, Departamento
de Letras".

1. A Hora da Estrela. 2. Personagem. 3. Literatura
Brasileira. I. Título.

21. ed. CDD B869.3

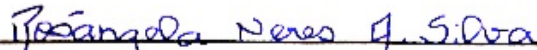
ALDENISE FRANCISCO DE SOUZA

**A HORA DA ESTRELA: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM
MACABÉA**

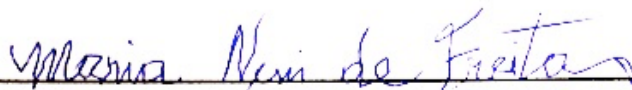
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciado em Letras.

Aprovado em: 03 de dezembro de 2015.

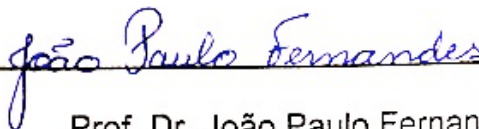
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva
Orientadora



Prof.^a Dra. Maria Neni de Freitas
Examinadora



Prof. Dr. João Paulo Fernandes
Examinador

A HORA DA ESTRELA: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM MACABÉA

SOUZA, Aldenise Francisco¹

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a caracterização da personagem Macabéa, em *A Hora da Estrela*, obra de Clarice Lispector. Essa personagem apresenta múltiplas significações e especificidades que são desconsideradas pelo narrador Rodrigo S.M., que mostra Macabéa como sendo uma mulher incompetente, incapaz, que não tinha consciência da própria existência. Porém, no decorrer da narrativa a personagem mostra-se através da sua própria realidade, pois encontramos em Macabéa questionamentos, observações e reflexões acerca da condição humana. Nossa fundamentação teórica aporta-se nos conceitos sobre a personagem na ficção, a exemplo de autores como Candido (1963), Brait (2006), Nunes (1966), Waldeman (1992), dentre outros.

Palavras-chave: A Hora da Estrela. Personagem. Caracterização.

1 INTRODUÇÃO

Por volta da década de 40, surge na literatura brasileira preocupações em torno de questões referentes ao existencialismo, à sondagem psicológica dos personagens e o aprofundamento da própria linguagem literária. Neste contexto, encontra-se, nas obras da autora Clarice Lispector um novo estilo literário que rompe as barreiras das técnicas habituais das narrativas ficcionais.

Clarice Lispector desenvolve com maestria uma forma singular e inconfundível de escrever, ao revelar, através dos seus questionamentos, e inquietudes o que o ser humano possui de mais íntimo e que muitas vezes torna-se invisível diante do próprio ser e da sociedade. Porém, refletindo acerca destes questionamentos, a autora aborda em *A Hora da Estrela* temáticas que envolvem além do caráter intimista apresentado em suas obras outros aspectos, como o político e o social.

¹ Formanda em Letras, pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, sob a orientação da Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva. E-mail: aldenisesouza@gmail.com.

² Entenda-se, no Programa de Pós-graduação em Letras, disponível em: <http://www.upeb.edu.br/500-e-ultima>

Na narrativa, os relatos do narrador Rodrigo S. M. sobre a história de vida de Macabéa, uma jovem imigrante nordestina e a descrição da sua caracterização enquanto uma mulher miserável, alheia a tudo e a todos, carente da própria consciência, desconsidera características relevantes.

No entanto, Macabéa contraria o que Rodrigo S.M. ironicamente diz a seu respeito, pois ela possui particularidades que vão além das aparentes observações do narrador. Parece-nos, assim, que a caracterização da personagem feita pelo narrador chama ainda mais a atenção do leitor para sua construção.

Deste modo, esta pesquisa tem como objetivo analisar a personagem Macabéa, apresentando uma visão diferenciada acerca da sua caracterização, enquanto ser de ficção, dotada de multissignificações e especificidades, e considerando os aspectos existenciais inerentes à condição humana, desconstruindo o perfil inicialmente idealizado por Rodrigo S.M. Busca-se apresentá-la do modo como ela mesma se mostra, através dos seus questionamentos, observações e da maneira singela como encarra a realidade e as dificuldades existenciais e sociais.

A metodologia utilizada para a investigação pautou-se no levantamento bibliográfico e na observação específica das características da personagem, no romance. A pesquisa encontra-se dividida em duas partes. Na primeira seção, apresentamos a autora Clarice Lispector e seu estilo literário, as temáticas abordadas na obra *A Hora da Estrela* e uma breve discursão sobre a personagem de ficção na narrativa. Na segunda seção, analisamos a personagem Macabéa através da fala do narrador e da realidade como a própria personagem se mostra.

2 CLARICE LISPECTOR E A HORA DA ESTRELA

Na segunda fase do Modernismo, surgem no Brasil publicações que apontam para uma nova direção da literatura. Ao lado de obras que mantinham certa preocupação social e davam continuidade ao regionalismo, começaram a se destacar produções literárias em que a grande novidade era a pesquisa em torno da própria linguagem literária e o aprofundamento da sondagem psicológica. Desta forma, o autor lança seu olhar além dos problemas sociais enfrentados pelas classes menos favorecidas e volta-se para a caracterização do humano. É neste contexto que se destaca a autora Clarice Lispector.

Clarice Lispector nasceu na Ucrânia, em 1920, chegando recém-nascida ao Brasil. Escreve, em 1943, o seu primeiro romance *Perto do Coração Selvagem*. Logo, percebeu-se o esforço em querer atingir as camadas mais profundas da consciência humana, pois o interesse principal não está no enredo, mas no estudo da repercussão que os fatos têm sobre a consciência dos personagens. Sobre a autora e sua escrita, Bosi (1997, p. 424), revela que:

Há na gênese dos seus contos e romances tal exacerbação do momento interior que, a certa altura do seu itinerário, a própria subjetividade entra em crise. O espírito, perdido no labirinto da memória e da auto-análise, reclama um novo equilíbrio. *Que se fará pela recuperação do objeto*. Não mais na esfera convencional de algo-que-existe-para-o-eu (nível psicológico), mas na esfera da sua própria e irredutível realidade. [...] Enfim, o que a escritura de Clarice Lispector anuncia na esfera da ficção introspectiva dá-se também na do romance voltado para o horizonte social.

Nesse sentido, Clarice Lispector desenvolve um estilo que busca renovar os padrões literários baseados em técnicas habituais de narrar ficção, criando uma maneira singular e inconfundível de escrever, centrada no poder da palavra que cria e recria o fazer literário voltado para questões da consciência do ser, do existencialismo, da busca pela identidade entre tantos outros questionamentos acerca do que o ser humano possui de mais íntimo, escondido no entrelaçar das emoções. Para a autora, escrever é ser capaz de figurar “uma realidade mais delicada e mais difícil, menos visível a olho nu” (LISPECTOR, 1980, p. 59). Aquilo que se pode considerar abstrato é, de acordo com Clarice, a forma de representar essa realidade mais sutil, mais complexa. A ficcionista está se referindo à realidade interior do ser humano: viajando pela subjetividade de seus personagens, Clarice vai

lhes desvendando desejos reprimidos, pensamentos escusos, penetrando-lhes, na maioria das vezes através do fluxo de consciência, na intimidade mais profunda. Para tanto, utiliza-se de uma prosa rica em características poéticas e a exposição do fluxo psicológico dos personagens.

Além disso, a autora capta o indispensável, que muitas vezes passa despercebido ao transformar indivíduos simples e objetos aparentemente insignificantes e comuns, em algo que atrai a nossa atenção e os torna visíveis além da aparência. Consoante a esse pensamento o escritor Benedito Nunes afirma que:

A existência universal, cósmica nivela tudo quanto existe. Não há no universo de Clarice Lispector, senão uma hierarquia provisória. As grandezas são aparentes, tudo existe por demais. Mesmo aquilo que é pequeno, insignificante ou vil, pode ser objeto de uma visão penetrante, que se estende além da aparência. As coisas representam fisionomia dupla: o comum, exterior, produto do hábito, e a interna, profunda, da qual a primeira se torna símbolo. (NUNES, 1966, p. 56).

A Hora da Estrela, publicado em 1977, último livro e penúltimo romance de Clarice Lispector, aborda diferentes temáticas ligadas ao contexto da literatura pós-moderna tais como: o ato da criação literária, o qual possui como instrumento de trabalho a palavra que: “não pode ser enfeitada e artisticamente vã, tem que ser apenas ela. Cada palavra é uma coisa” (LISPECTOR, 1998, p. 20); as reflexões existencialistas sobre o ser em busca da sua identidade: “sou meu desconhecido” (LISPECTOR, 1998, p. 15); a conscientização da condição humana e da realidade social retratada através da história de uma imigrante nordestina no Rio de Janeiro: “como a nordestina há milhares de moças espalhadas por cortiços” (LISPECTOR, 1998, p. 14).

Percebe-se que no romance *A Hora da Estrela* a autora envolve aspectos não só intimistas mais também de caráter político e social, o que inova o próprio estilo literário clariciano, além de construir o enredo seguindo uma ordem cronológica dos fatos, o que, aliás, é uma nova experiência para a autora que na voz do narrador diz: “Assim é que experimentarei contra os meus hábitos uma história com começo, meio e “gra finale” seguido de silêncio e de chuva caindo” (LISPECTOR, 1998, p. 13). No desenrolar dos fatos, o narrador fala da necessidade de manter o fluxo temporal, ou seja, de manter o tempo no momento presente da criação artística expressando, assim, o autoconhecimento da própria ação da escrita e a interação com o leitor, o que pode ser observado neste fragmento: “[...] como

que estou escrevendo na hora mesma que sou lido. Só não inicio pelo fim que justificaria o começo – como a morte parece dizer sobre a vida – porque preciso registrar os fatos antecedentes” (LISPECTOR, 1998, p. 12).

No entanto, para que se possa compreender como a narrativa é estruturada, é indispensável conhecer os elementos que a constituem. A seguir, Gancho (1998, p. 06) expõe os principais elementos estruturais da narrativa:

Toda narrativa se estrutura sobre cinco elementos sem os quais ela não existe. Sem os fatos não há história, e quem vive os fatos são os personagens, num determinado tempo e lugar. Mas para ser prosa de ficção é necessária a presença do narrador, pois é ele fundamentalmente que caracteriza a narrativa.

Dentre tais elementos que estruturam a narrativa e especificamente o romance objetiva-se destacar a personagem. O termo personagem etimologicamente vem do latim *persona* e significa máscara, que seguindo a tradição grega era utilizada pelos atores romanos em representações ao ar livre. Segundo Aristóteles (1992, p. 25), personagem “é aquele que agindo imita pessoas em ação”.

Na visão de Moisés (2006, p. 226), personagens de romance são “[...] ‘pessoas’ que vivem dramas e situações, à imagem e semelhança do ser humano, ‘representações’, ‘ilusões’, ‘sugestões’, ‘ficções’, [...]”. A personagem é como um retrato minucioso carregado de significados que podem definir características quanto à aparência física, ao temperamento, ao modo de vida, ao caráter, etc., da personagem em estudo. Já Candido (1963, p. 78), define personagem como sendo um ser fictício, basicamente, “uma composição verbal, uma síntese de palavras, sugerindo certo tipo de realidade”.

Contudo, as personagens vivem no enredo. Enredo e personagens expressam a essência do romance, pois “exprimem, ligados os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam” (CANDIDO, 1963, p. 53). Deste modo, a personagem consiste em um elemento estrutural indispensável na construção romanesca.

Segundo Brait (2006, p. 36), no que diz respeito às concepções de personagem considerando o contexto histórico literário, observam-se a partir de meados do século XIII, os trabalhos desenvolvidos por Aristóteles e Horácio que defendiam a concepção de personagem como a imitação moralizante do melhor do ser humano, ou seja, uma visão antropomórfica de personagem. Durante o século

XIX, tento em vista o apogeu da narrativa romanesca, os teóricos buscaram desvendar os mistérios da criação artística baseados na natureza e função da personagem, porém não foi possível compreender sua especificidade.

No entanto, as concepções construídas no século XX, principalmente as defendidas pelos formalistas russos, preocupavam-se com os procedimentos e a organização dos elementos que compõe o texto e desde então a personagem é tida como um ser de linguagem.

Entretanto, a criação de uma personagem não é tarefa fácil, de acordo com Candido (1963, p. 74), exige do seu criador uma combinação intelectual e moral entre a memória, a observação e a imaginação. O autor delimita a personagem seguindo sua lógica e mesmo que haja semelhanças entre o ser ficcional e o real, o fictício segue uma coerência pré-estabelecida responsável por moldar a existência e a natureza do seu modo-de-ser. Assim, o entendimento que temos do romance é mais preciso de que o que vem da existência, já que “a natureza da personagem depende da concepção e das intenções do autor” (CANDIDO, 1963, p. 74). Além disso, no romance um fato, um ato ou um pensamento pode nos parecer inverossímeis, no sentido de que “na vida real seria impossível”, mas como afirma o escritor:

[...] na vida tudo é praticamente possível; no romance é que a lógica da estrutura impõe limites mais apertados, resultando, paradoxalmente, que as personagens são menos livres, e que a narrativa é obrigada a ser mais coerente do que a vida. [...] Assim, pois, um traço *irreal* pode tornar-se verossímil, conforme a ordenação da matéria e os valores que a norteiam, sobretudo o sistema de convenções adotado pelo escritor. (CANDIDO, 1963, p. 76-77).

Para Brait (2006, p. 66), “a sensibilidade de um escritor, a sua capacidade de enxergar o mundo e pinçar nos seus movimentos a complexidade dos seres que o habitam realizam-se na articulação verbal”. Desta forma, percebe-se na maneira clariciana de escrever esta sensibilidade, pois algumas personagens de Clarice Lispector refletem a complexidade das angústias e questionamentos existências do ser humano, predominando a figura feminina que neste trabalho é representada pela protagonista do romance *A Hora da Estrela*, a jovem imigrante nordestina Macabéa a qual pretendemos analisar.

3 A PERSONAGEM MACABÉA: A SUBJETIVIDADE E O REAL

No romance *A Hora da Estrela*, Clarice Lispector arriscar-se a desafiar a realidade tendo como principal aliada a palavra, “minha liberdade é escrever a palavra é o meu domínio sobre o mundo” (WALDMAN, 1992, p.17).

Em entrevista ao jornalista Júlio Lerner para o Programa Panorama, em 1977, a autora falou sobre o momento de inspiração que a levou a escrever o romance, como pode ser observado no seguinte fragmento da entrevista:

Eu morei em Recife, eu morei no Nordeste, eu me criei no Nordeste. E depois, no Rio de Janeiro tem uma fila dos nordestinos no campo de São Cristóvão e uma vez eu fui lá. E peguei o ar meio perdido do nordestino no Rio de Janeiro. Daí comecei a ter ideias. Depois eu fui à cartomante e ela disse várias coisas boas que iria me acontecer - e imaginei, quando tomei um táxi de volta, que seria muito engraçado se um táxi me pegasse e me atropelasse e eu morresse depois de ter ouvido todas essas coisas boas. Daí surgiram ideias. Então daí foi nascendo também a trama da história.²

Pode-se entender, a partir deste fragmento, que para criar o enredo e suas personagens, a autora parte das experiências cotidianas que muitas vezes não é percebida em sua profundidade ou simplesmente é ignorada, ou seja, a história da alagoana Macabéa desde a infância sofrida, a vinda para uma cidade desconhecida até o momento da morte, foi inspirada no ar meio perdido do nordestino no Rio de Janeiro. Para a autora, na voz do narrador: “a história é verdadeira embora inventada” (LISPECTOR, 1998, p. 12).

Nesse sentido, Candido afirma que:

[...] só há um tipo eficaz de personagem a inventada; mas que esta invenção mantém vínculos necessários com uma realidade matriz, seja a realidade individual do romancista, seja a do mundo que o cerca; e que a realidade básica pode aparecer mais ou menos elaborada, transformada, modificada, segundo a concepção do escritor, a sua tendência estética, as suas possibilidades criadoras. (CANDIDO, 1966, p. 69)

No decorrer da narrativa, encontra-se um entrelaçar de histórias contadas por Rodrigo S. M. e, dentre elas, a criação literária que encontra na linguagem o ponto central do ato da escrita, uma linguagem simples que mostra sem rodeios a

² Entrevista ao Programa Panorama: Disponível em: <<http://www.revistabula.com/503-a-ultima-entrevista-de-clarice-lispector/>>. Acesso em: 05/11/2014, às 10: 45 h.

realidade da nordestina: o narrador que constrói o perfil de Macabéa como sendo uma mulher incapaz, incompetente e alheia a tudo que lhe acontece, além de nordestina, semianalfabeta, feia, virgem, pobre, doente, desprovida de conhecimento e relacionamento amoroso, apenas “representando com obediência o papel de ser” (LISPECTOR, 1998, p. 36).

Esse narrador, Rodrigo S.M., não só narra os fatos, mas também participa da história. Assume, respectivamente, a função de narrador-personagem ao falar de si e de narrador do romance, ao contar a história da nordestina e se vê inconformado com o rumo dado por Macabéa à sua vida.

[...] o narrador pode oferecer o seu retrato diretamente ao leitor através de descrições e comentários (seja por si ou por algum personagem), explicando ou expondo o que pensa a respeito da figura, analisando-a e interpretando-a para o leitor, moralizando sobre sua conduta ou caráter. (COUTINHO, 1976, p. 36)

Em alguns momentos, Rodrigo se compara a protagonista, pois encontra um ponto comum entre eles – ninguém sentiria falta de ambos. Outro fator relevante é a revelação do disfarce do “eu” da autora, que de acordo com Fukelman (1993, p. 07), “desmascara o preconceito contra a escritora mulher”, o que se percebe neste fragmento: “Eu não faço a menor falta, até o que escrevo um outro escreveria. Um outro escritor, sim, teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas” (LISPECTOR, 1998, p. 14).

Uma outra presença, que disputa com a do narrador, insinua-se nessa modalidade de fala: a presença da própria escritora, já declarada na dedicatória da obra, e cuja interferência estende-se a seus caprichos a denominação [...] Suspendendo pois a sua máscara pública de ficcionista acreditada, ao identificar-se com S.M., na verdade Clarice Lispector, e por intermédio dele com a própria nordestina – Macabéa, a quem se acha colado o autor interposto –, Clarice Lispector faz-se igualmente personagem. (NUNES, 1989, p. 66).

O narrador expõe o seu desejo de escrever sobre a realidade social, tanto dele enquanto escritor: “só escrevo o que quero, não sou um profissional” (LISPECTOR, 1998, p. 17), como da nordestina. E o que lhe motiva escrever é a sua própria solidão, o que ele chama de “força maior” ou “força de lei”. As indecisões dele, as digressões que realiza a respeito da narração servem para Benedito Nunes apresentar a sua leitura da história de Macabéa.

A voz do narrador-personagem é bastante jocosa para anunciar que a história pobre da datilógrafa desenrolar-se-á acompanhada pelo ruflar de um tambor, “sob o patrocínio do refrigerante mais popular do mundo, com gosto do cheiro de esmalte de unhas e de sabão Aristolino”, e bastante séria para mediar o confronto da situação humana de Macabéa com o ofício e o papel do escritor. (NUNES, 1989, p. 163).

Macabéa, entre milhares de outras pessoas, foi escolhida por Rodrigo devido apresentar na face o sentimento de perdição observado por ele: “É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina.” (LISPECTOR, 1998, p. 12), sentimento este carregado de significação e que torna a moça representante de uma classe marginalizada, oprimida, vítima das desigualdades sociais, como tantos outros imigrantes nordestinos que buscam encontrar na cidade grande a oportunidade de uma vida melhor.

O fluxo migratório no Brasil é intenso e coloca em movimento pessoas de todas as classes sociais. No entanto, apenas os pobres são vistos, e designados, como imigrantes. Ou seja, o deslocamento das classes médias e das elites é entendido como algo natural e que não implica, necessariamente, em uma marca identitária. Marca que leva consigo o sinal de menos para aqueles que a transportam – especialmente se for uma mulher e estiver migrando sozinha, sem pai ou marido. (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 139).

Em um primeiro momento, o narrador se vê obrigado e comprometido em retirar a moça do anonimato: “[...] O que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. E dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida” (LISPECTOR, 1998, p. 13), isto é o suficiente não só para ele revelar-lhe a vida como também fazê-la dialogar com sua própria existência, o que a faz de certo modo especial, porém Rodrigo S. M. passa a apresentá-la destacando os pontos negativos do seu modo de ser, tecendo comentários que convençam o leitor da incompetência de Macabéa que vive em um lugar “feito contra ela”, caracterizando a personagem da seguinte forma:

[...] Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, [...]. Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém. (LISPECTOR, 1998, p. 13).

[...] tinha ombros curvos como de uma cerzideira [...] dois olhos enormes, redondos, saltados e interrogativos – tinha o olhar de quem tem uma asa ferida. (LISPECTOR, 1998, p. 26).

Portanto, Rodrigo descreve Macabéa como uma mulher miserável, conformada com a realidade de vida que tinha, ela ao menos se dava o luxo de se indagar acerca da sua condição enquanto pessoa, para Macabéa “as coisas são assim mesmo” (LISPECTOR, 1998, p. 35), vive à toa, invisível, pois “é tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde ao sorriso por que nem ao menos a olham” (LISPECTOR, 1998, p. 16).

No entanto, não devemos considerar apenas a visão que o narrador apresenta, mas conhecê-la através da realidade que a própria personagem mostra. Macabéa uma jovem de 19 anos que nasceu em Alagoas, teve uma infância difícil, criada pela tia após a morte dos pais, nunca desfrutou do amor fraternal, pois “uma coisa descobriu inquieta: já não sabia mais ter tido pai e mãe, tinha esquecido o sabor” (LISPECTOR, 1998, p. 29). A tia com a desculpa de educá-la privava a menina da própria infância, além da violência física, seu pior castigo era ser proibida de comer seu doce favorito “a única paixão da sua vida” (LISPECTOR, 1998, p. 28).

Já adulta, Macabéa sente saudade: “de uma infância sem bola nem boneca. [...] saudade do que poderia ter sido e não foi” (LISPECTOR, 1998, p. 33). Através destes fatos vivenciados na infância percebe-se que a moça desde cedo foi ensinada a aceitar a vida como ela lhe era apresentada, a lidar com as dificuldades sem confrontá-las, sempre com doçura e obediência, pois “nem tudo se precisa saber e não saber fazia parte importante da sua vida” (LISPECTOR, 1998, p. 29).

Após a morte da tia, Macabéa passa a dividir um quarto em um sobrado com quatro colegas e a trabalhar como datilógrafa. Um dia, recebeu a notícia que seria demitida, mas a sua reação impressionou o chefe que decidiu adiar a decisão: “O Senhor Raimundo Silveira [...], voltou-se um pouco surpreendido com a inesperada delicadeza e alguma coisa na cara quase sorridente da datilógrafa” (LISPECTOR, 1998, p. 25). A maioria das pessoas que conviviam com ela não conseguiam enxergar essa delicadeza, já que a olhava superficialmente, o mesmo acontecia com Rodrigo.

Os traços femininos de Macabéa eram desconsiderados pelo narrador: “ela que de aparência era assexuada” (LISPECTOR, 1998, p. 34). O tom irônico presente na construção dessa personagem remete a uma caricatura da mulher nordestina.

despojando a personagem de mecanismos de integração social, de instrumentos de sedução e de relações amorosas. (GUIDIN, 1998, p. 52).

Contudo, a moça contrariando o narrador dava-se ao luxo de, às vezes, arrumar-se diante do espelho ao cobrir as manchas do rosto: “nada nela era iridescente, embora a pele do rosto entre as manchas tivesse um leve brilho de opala” (LISPECTOR, 1998, p. 27), ao pintar as unhas de vermelho, ao comprar um batom cor-de-rosa e outro vermelho intenso e “Porque, por pior que fosse sua situação, não queria ser privada de si, ela queria ser ela mesma” (LISPECTOR, 1998, p. 32). Além disso, a moça admirava como padrão de beleza as mulheres gordinhas: “A gordura sempre fora o ideal secreto de Macabéa” (LISPECTOR, 1998, p. 61). O que reflete o estereótipo socialmente aceito e sinônimo de beleza da época e a influência dos mesmos para a autoestima da mulher, ou seja, estes fatos comprovam a preocupação da personagem com a aparência preservando sua feminilidade.

Macabéa tinha como passa tempo favorito escutar a Rádio Relógio, colecionar os recortes de anúncios dos jornais, presenteava-se de vez em quando com uma rosa, aos domingos ia ao cais do porto, onde teve uma súbita felicidade ao vê um arco-íris, divertia-se indo ao cinema uma vez por mês, as celebridades lhe encantavam e ela desejava parecer com elas e este era seu sonho, ser uma atriz famosa: “Adoro as artistas. Sabe que Marilyn era cor-de-rosa?” (LISPECTOR, 1998, p. 54), demonstrando, assim, a sua identificação com a figura da atriz.

Embora, o narrador afirme que a personagem: “não se conhece senão através de ir vivendo à toa. Se tivesse a tolice de se perguntar ‘quem sou eu?’ cairia estatelada no chão”. (LISPECTOR, 1998, p. 15). Ao longo do texto, encontram-se evidências de que ela apresenta seus questionamentos e observações acerca da existência, da realidade social, do amor, do futuro, da vida, pois “a única coisa que ela queria era viver” (LISPECTOR, 1998, p. 27). Ela tinha “olhos que perguntavam” (LISPECTOR, 1998, p. 26), então, Macabéa apesar de nem sempre ter plena consciência da própria existência se indagava e “uma vez se fez uma trágica pergunta: quem sou eu? [...] Já que sou eu, o jeito é ser” (LISPECTOR, 1998, p. 32-34), ou seja, ela se aceitava do jeito que era e não devia nada a ninguém.

Os fatores existenciais humanos estão presentes nas suas ações: “encontra-se consigo própria era um bem que até então não conhecia” (LISPECTOR, 1998, p.

42), principalmente, através da sensibilidade emocional que é construída nas entrelinhas do romance, nos momentos de revelação, seja por meio do sofrimento “- Eu me doo o tempo todo” (LISPECTOR, 1998, p. 62), onde subjetivamente a personagem deixa transparecer um sentimento de angústia por não tratar-se de algo meramente físico, mas que ultrapassa e atinge sua essência, seja por meio da alegria “é só na cara que sou triste porque por dentro eu sou até alegre” (LISPECTOR, 1998, p. 52). O fragmento a seguir reforça essa ideia:

-Sabe o que mais eu aprendi? Eles disseram que se devia ter alegria de viver. Então eu tenho. Eu também ouvi uma música linda, eu até chorei. [...] creio que chorava porque, através da música, adivinhava talvez que havia outros modos de sentir, havia existência mais delicada e até um certo luxo de alma. (LISPECTOR, 1998, p. 51).

No que se refere aos questionamentos relacionados a realidade social da personagem, no trecho a seguir do romance encontra-se o momento que Macabéa se identifica socialmente, embora não se reconheça totalmente integrante de uma classe social, mas isto a faz refletir.

[...] um dia viu algo que por um leve instante cobiçou: um livro que Seu Raimundo, [...], deixara sobre a mesa. O título era *Humilhados e ofendidos*. Ficou pensativa. Talvez tivesse pela primeira vez se definido numa classe social. Pensou, pensou e pensou! (LISPECTOR, 1998, p. 40).

O narrador demonstra-se extremamente ligado a Macabéa construindo uma relação afetiva que vai se desenvolvendo ao longo da narrativa. Isto fica claro quando ele diz: “Pareço conhecer nos menores detalhes essa nordestina, pois se vivo com ela. E como muito adivinhei a seu respeito, ela se me grudou na pele qual melado pegajoso ou lama negra” (LISPECTOR, 1998, p. 21), desta forma, supõe-se que eles se tornaram inseparáveis a ponto do mesmo declarar seus sentimentos: “Só eu a vejo encantadora. Só eu seu autor, a amo, Sofro por ela” (LISPECTOR, 1998, p. 27), “Sim, estou apaixonado por Macabéa, a minha querida Maca, apaixonado pela sua feiura e anonimato total pois ela não é para ninguém” (LISPECTOR, 1998, p. 68).

Em sua tese, Berta Waldman tece observações sobre a afetividade do narrador, Rodrigo S. M. em relação à Macabéa:

Macerando a afetividade e afinando a atenção se aproxima da personagem, adere a ela, estabelece com ela um liame afetivo de tal modo empático que se transforma a si próprio em objeto a ser contado, o que imprime a narrativa um transcurso paralelo: um sujeito que se conta ao mesmo tempo que conta Macabéa, numa alternância de discurso direto e indireto, contíguos e deslizantes, um silhuetado no outro, um espelhado e identificado pelo outro. (WALDMAN, 1992, p. 98).

Em uma tarde do mês de maio: “mês dos véus de noiva flutuando em branco” (LISPECTOR, 1998, p. 42), Macabéa encontra Olímpico, e logo, se apaixona, começaram um namoro desajustado: “Mas ela já o amava tanto que não sabia mais como se livrar dele, estava em desespero de amor” (LISPECTOR, 1998, p. 44). A única coisa comum entre o casal era a origem nordestina cercada de dificuldades, mesmo assim, ela encontra no namorado seu elo com o mundo, antes desfeito com a morte da tia.

Olímpico trabalhava como operário em uma metalúrgica, achava-se muito inteligente, carregava as características do homem nordestino, “cabra macho”, o que dava-lhe força e vitalidade destacadas pelo fato de ter assassinado um homem: “matar tinha feito dele um homem com letra maiúscula” (LISPECTOR, 1998, p. 68) e, “era o que se chamava no Nordeste de ‘cabra safado’” (LISPECTOR, 1998, p. 68), ambicioso, desejava ser deputado, poder e dinheiro eram as únicas coisas que o interessavam.

No entanto, Macabéa sonhava em se casar, pela primeira vez falou de si para alguém, dos seus sonhos, de como se sentia, tinha alguém com quem pudesse dividir as informações que ouvia na Rádio: “ele fizera dela um alguém” (LISPECTOR, 1998, p. 54), porém “Olímpico na verdade não mostrava satisfação nenhuma em namorar Macabéa” (LISPECTOR, 1998, p. 59) e quando conhece Glória, colega de trabalho dela, Olímpico troca a namorada por ela, pois diferente de Macabéa, Glória tinha quadris largos o que indicava que seria boa parideira e era “carioca da gema”, logo, tinha classe. Enquanto Macabéa era para ele: “um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer” (LISPECTOR, 1998, p. 60).

Glória, arrependida por ter roubado o namorado da colega, convida-a para ir a sua casa, no dia seguinte, Macabéa sente-se mal e resolve procurar um médico barato indicado por Glória. O médico ao examiná-la diz que ela está com tuberculose pulmonar, mas a moça não dá importância: “achava que ir ao médico por si só já curava” (LISPECTOR, 1998, p. 67).

Ainda com remorso, Glória aconselha Macabéa a procurar uma cartomante que pudesse falar sobre o futuro e empresta-lhe dinheiro. Ela resolve ir à casa da madama, chegando lá se surpreende com o luxo da casa e com a forma carinhosa como foi tratada, ao receber elogios como: florzinha, queridinha, benzinho. Madama Carlota que afirma ser sincera e não se enganar em suas previsões, começa a pôr as cartas, Macabéa “pela primeira vez ia ter um destino” (LISPECTOR, 1998, p. 75), ela fala do passado horrível e também do presente nada agradável da moça, porém prevê um futuro luminoso que mudaria sua vida completamente.

Ao sair da casa da mulher, Macabéa sentia-se especial e renovada por ter uma nova vida a sua espera, agora, desejava ter um futuro, pois tinha consciência de como seu passado era miserável e de como naquele momento se sentia carente, assim, ela vive seu instante de subjetivação.

[...] sentia em si um esperança tão violenta como jamais sentira tamanho desespero. Se ela não era mais ela mesma, isso significava uma perda que valia por um ganho. Como havia sentença de morte, a cartomante lhe decretava sentença de vida. Tudo de repente era muito e muito e tão amplo que ela sentiu vontade de chorar. Mas não chorou; seus olhos faiscavam como o sol que morria. (LISPECTOR, 1998, p. 79).

No entanto, Macabéa estava sendo enganada, ao acreditar nas inverdades da charlatã que mentiu descaradamente, aproveitando-se da boa fé da moça, deixando-a esperançosa em ter um futuro que nunca chegaria a existir. Pois, ao descer da calçada para atravessar a rua ela é atropelada por um Mercedes Benz amarelo, que vai embora, por ser carro de luxo, ela acreditou que as previsões da cartomante começavam a ser cumpridas: “Ficou inerte no canto da rua, [...]. Hoje, pensou ela, hoje é o primeiro dia de minha vida: nasci” (LISPECTOR, 1998, p. 80).

Neste instante da narrativa, Rodrigo S.M. reflete sobre o que poderia acontecer com Macabéa, recusa-se em falar de morte, mas “é que já fui longe de demais e já não posso mais retroceder” (LISPECTOR, 1998, p. 80), portanto teria que decidir o que faria com ela, enquanto “Macabéa lutava muda” (LISPECTOR,

1998, p. 81), ele diz: “Vou fazer o possível para que ela não morra. Mas que vontade de adormecê-la e de eu mesmo ir para a cama dormir” (LISPECTOR, 1998, p. 81), percebe-se que Rodrigo já está cansado de sua personagem e age ironicamente ao falar algo e querer que aconteça o contrário.

Então, a protagonista que não acreditava na morte, no chão debaixo de uma fina chuva pela primeira vez torna-se visível, pois as pessoas se aproximam e passam a observá-la, a notar sua existência. Ela que agora abraçava a si mesma: “Agarrava-se a um sopro de consciência e repetia mentalmente sem cessar: eu sou, eu sou, eu sou.” (LISPECTOR, 1998, p. 84), e depois de dizer poucas palavras: “Quanto ao futuro” (LISPECTOR, 1998, p. 85), morre, diante da plateia, como si estivesse representando o papel de uma estrela, “Pois na hora da morte a pessoa se torna brilhante como um estrela de cinema, é o instante de glória de cada um [...]” (LISPECTOR, 1998, p. 29).

A morte da personagem é o seu momento glorioso, revelador, e este momento de revelação é chamado de epifania. Definido por Moisés (apud MOTA, 2006, p. 38) como:

instante existencial, em que as personagens clariceanas jogam seus destinos, evidenciando-se “por uma súbita revelação interior que dura um segundo fugaz como a iluminação instantânea de um farol nas trevas e que, por isso mesmo, recusa ser apreendida pela palavra”. Esse “momento privilegiado” não precisa ser “excepcional” ou “chocante”; basta que seja “revelador, definitivo, determinante”. Atinge assim a escritora o anelo de todo ficcionista: “o momento da lucidez plena, em que o ser descortina a realidade íntima das coisas e de si próprio”.

Após a morte de Macabéa, diante do silêncio, Rodrigo percebe que não lhe resta mais nada e confessa que “No fundo ela não passara de uma caixinha de música meio desafinada” (LISPECTOR, 1998, p. 86). Na verdade, não sentiria falta dela, embora tenha se sentido culpado por não ter sido capaz de evitar a morte da moça, toda a sua afeição desaparece, então, acende um cigarro e vai para casa, lembrando que as pessoas morrem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta pesquisa, foi possível observar que Clarice Lispector, ao desenvolver um novo estilo literário, constrói uma personagem aparentemente sem graça, sem perspectiva, que vive à toa num ambiente desconhecido, onde ninguém é capaz de enxergar sua essência, tida como alguém miserável que carrega o fardo de ser uma imigrante nordestina.

Entretanto, o narrador, ao contar a vida dessa moça, dá voz à própria voz que a personagem possui, intimamente. Diferentemente do que o narrador afirma, Macabéa é uma mulher que deseja ter um futuro, que se preocupa com a aparência, é doce e delicada, é extremamente sensível e, subjetivamente, revela seus sentimentos mais íntimos, sejam eles alegres ou tristes. Sonhadora, questiona e pede explicações e, apesar da dura realidade vivenciada desde seu nascimento, luta a seu modo pela vida até seu instante final.

Nossa pesquisa mostra, através de um olhar atento, o que Macabéa diz de si mesma entre o subjetivo e o real. E, considerando o que Brait (1987) expõe acerca da concepção de personagem enquanto um ser de linguagem criado a partir da articulação verbal, encontramos em Macabéa questionamentos, observações e reflexões sobre a realidade, o futuro, as pessoas, o amor, enfim, sobre a vida, que refletem, dialogam e dão voz a muitos problemas existenciais e sociais presentes na sociedade.

ABSTRACT

This research aims to analyze the characterization of Macabéa character in Hour of the Star, the work of Clarice Lispector. This character has multiple meanings and characteristics that are disregarded by the narrator Rodrigo SM, showing Macabéa as an incompetent woman, unable, who was unaware of their existence. But over the course of the narrative character is shown through his own reality because we found in Macabéa questions, observations and reflections on the human condition. Our theoretical foundation brings up the concepts of character in fiction, like authors like Candido (1963), Brait (2006), Nunes (1966), Waldeman (1992), among others.

Keywords: Hour of the Star. Character. Characterization.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **A poética clássica**. São Paulo: Cultrix, 1992.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1997.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ed. Ática SA.,1987.

CANDIDO, Antonio. **A personagem de Ficção**. São Paulo: EDUSP, 1963.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de Teoria Literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

DALCASTAGNÉ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Horizonte Uerj, 2012.

FUKELMAN, Clarice. Escrever estrelas (ora direis). Prefácio de LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas**. São Paulo: Duetto,1995.

GUIDIN, Maria Lígia. **Roteiro de Leitura: A Hora da estrela de Clarice Lispector**. São Paulo: Ática, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **Para não esquecer**. São Paulo: Circulo do Livro, 1980.

MOTA, Juliana Oliveira. **Um mergulho no feminino na obra “A Hora da Estrela” de Clarice Lispector**. Brasília: UniCEUB, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/3463/2/20210274.pdf>> Acesso em: 23 de abril de 2015, à 14:00 hs.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária**: Prosa I. São Paulo: Cultrix, 2006.

NUNES, Benedito. **O Drama da Linguagem**: Uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1989.

_____. **O mundo de Clarice Lispector**. Manaus, 1966.

WALDMAN, Berta. **Clarice Lispector**: A paixão segundo C.L. São Paulo: Escuta, 1992.